

Meios de Comunicação e Cuba. Ditadura ou Democracia?

Karine Rio PHILIPPI, graduanda em Ciências Sociais pela UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. São Paulo. Anita SIMIS, professora Livre-Docente do Departamento de Sociologia da UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Resumo:

São comuns as discussões em torno da suposta ausência de democracia e liberdade de expressão em Cuba, fato que suscita inúmeras acusações da imprensa internacional à ilha caribenha - muitas delas, relacionadas à falta de autonomia dos meios de comunicação cubanos. Dessa forma, segundo um parâmetro específico do que será entendido como “censura”, o presente trabalho – ainda em fase inicial - pretende investigar a consistência de tais acusações através de uma análise da situação do país e de seus veículos de comunicação – como emissoras de rádio e TV, cinema, internet, revistas e jornais - e das políticas desenvolvidas desde a Revolução Cubana (1959).

Enfim, dadas as lutas históricas a favor da liberdade de expressão e do direito à informação, reprimidos no Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), o estudo do caso cubano torna-se emblemático. Em um período de globalização crescente marcado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação – não apenas em termos de técnica e tecnologia, mas, sobretudo, de ideologias propagadas - o intercâmbio de informações adquire cada vez mais relevância na definição das relações sociais, o que atrela comunicação e democracia.

Palavras-chave: Cuba; Meios de Comunicação; Liberdade de expressão.

Texto:

São comuns as discussões em torno da suposta ausência de democracia e liberdade de expressão em Cuba, fato que suscita inúmeras acusações da imprensa internacional à ilha caribenha - muitas delas, relacionadas à falta de autonomia dos meios de comunicação cubanos. Exemplos recentes são as notícias divulgadas pela grande mídia internacional, que acusa o governo cubano de controlar a imprensa local, restringir o acesso à internet e promover perseguições aos dissidentes do regime político instaurado, como à jornalista

Yoani Sánchez, que se tornou conhecida após denunciar perseguições e agressões sofridas nas ruas de Havana, simplesmente por manter um blog contrário ao governo e ministrar um curso aos interessados em fazer o mesmo (TEIXEIRA, 2010, p. 94-101). Como afirma Borges (2010), por outro lado, temos a resposta do governo castrista, pouco divulgada, que afirma a existência de um sistema internacional - sobretudo, estadunidense - voltado ao financiamento de “blogueiros” empenhados em criticar o país.

Dessa forma, segundo um parâmetro específico do que será entendido como “censura”, o presente trabalho – ainda em fase inicial - pretende investigar a consistência de tais acusações através de uma análise da situação do país e de seus veículos de comunicação – como emissoras de rádio e TV, cinema, internet, revistas e jornais - e das políticas desenvolvidas desde a Revolução Cubana (1959).

Dentro desta temática, pretende-se avaliar o nível de satisfação dos cubanos com o regime político vigente, marcado pelas possibilidades de acesso à informação e de livre expressão popular. Neste ponto, é curioso observar que os cubanos mais críticos ao governo de seu país são justamente os mais jovens, como Lia Villares. Segundo a jovem de 25 anos, ela teria sido levada para prestar esclarecimentos na delegacia por duas vezes somente por ter manifestado opiniões contrárias ao governo de Fidel: na primeira delas, por ter saído à rua com um tênis escrito “abaixo Fidel”; na segunda, por ter perguntado às pessoas na rua “abaixo quem?”, e ter obtido a resposta esperada (TEIXEIRA, 2010, p. 94-101). Sendo assim, é válido estudar se a oposição - de maioria juvenil - encontra fundamento em suas reivindicações, ou se as críticas devem-se ao fato de os mesmos não terem vivenciado a “Cuba pré-revolucionária”. Esta, por sua vez, é descrita negativamente por aqueles que vivenciaram o regime de Fulgêncio Batista, como Antonio Gutierrez, aposentado de 78 anos, que confessa necessitar de mais dinheiro para comprar remédios, mas se considera satisfeito em seu país: “(...) Viva a Revolução, garoto! Olha para o Malecón: isso aí, antes do Fidel, era manchado de sangue, as pessoas se matavam. Hoje ele não deixa isso acontecer. O Comandante nunca vai morrer!” (MIRANDA, 2007, p. 24-33).

Nesse contexto, são também temas de investigação as conseqüências do desmantelamento da União Soviética e do boicote econômico – e, sobretudo, político – mantido pelos Estados Unidos sob Cuba, principalmente no que diz respeito ao quadro

material e imaterial dos meios de comunicação da ilha: como aponta Hurtado (2005), com o desmantelamento do regime comunista soviético, Cuba perde seu principal aliado comercial, o que torna os impactos do bloqueio estadunidense ainda mais sensíveis, afetando não apenas os meios de comunicação, mas a sociedade como um todo. Segundo Ackerman citada por Miranda (2007, p. 32), “nos últimos 20 anos, o desafio cubano tem sido abrir-se para a economia mundial sem abrir mão das conquistas da revolução”, nesse sentido, o fim do bloqueio econômico mantido pelos EUA permitiria a obtenção de uma “exata noção da saúde e do tamanho da economia cubana. Porém, além do fim do bloqueio, outras questões precisarão ser discutidas. Cuba admitiria se adequar aos organismos internacionais que regem o comércio? Isso sem falar em conviver com imprensa, partidos políticos e eleições livres, antigas reivindicações da comunidade internacional que jamais tiveram aderência junto ao governo de Fidel.”

Enfim, dadas as lutas históricas a favor da liberdade de expressão e do direito à informação, tenazmente reprimidos no Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), o estudo do caso cubano torna-se emblemático. Em um período de globalização crescente marcado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação – não apenas em termos de técnica e tecnologia, mas, sobretudo, de ideologias propagadas - o intercâmbio de informações adquire cada vez mais relevância na definição das relações sociais, o que atrela comunicação e democracia.

A fim de que o objetivo esperado seja atingido, a presente pesquisa se utilizará de livros e, principalmente, de periódicos (impressos e/ou eletrônicos) voltados à temática estudada, oriundos de diferentes fontes e que visem trabalhar um mesmo conteúdo sob diferentes perspectivas (por vezes, conflitantes entre si). Já em um segundo momento, será realizada uma pesquisa empírica de aproximadamente 10 dias em Cuba, a qual, por intermédio da aplicação de questionários e da recolha de novos materiais, deve colaborar com a conclusão chegada ao final do trabalho.

Em termos de conteúdo, pretende-se, a princípio, afirmar a importância da liberdade de expressão e do direito à informação e à comunicação, estabelecendo, posteriormente, um parâmetro do que será entendido como “censura” (apresentando suas manifestações nas mídias estadunidense, brasileira e cubana). Em um segundo momento, passaremos à

apresentação da Cuba pós-revolucionária, enfatizando a situação do país e de seus veículos de comunicação (como emissoras de rádio e TV, cinema, internet, revistas e jornais). Entre as informações divulgadas pela mídia local e pelos veículos de informação oficiais, será observada a existência de autonomia referente aos conteúdos emitidos, o que pode abarcar, inclusive, contestações ou apoio ao governo nacional. Nesse ponto, ainda serão levantadas as consequências do boicote econômico e político exercido pelos Estados Unidos sob a ilha, e o quadro – material e imaterial – dos meios de comunicação cubanos. Por fim, já próximos da conclusão, averiguaremos a afirmação de que há um monopólio das fontes de informação exercido pela mídia internacional, fato que supostamente propiciaria a divulgação de notícias conservadoras e distorcidas acerca do regime político cubano e da realidade sócio-econômica do país.

É esperado que, após o intercruzamento de informações acerca da realidade cubana provenientes de diferentes fontes, se chegue a uma conclusão original que responda se há, de fato, uma ausência de democracia e liberdade de expressão em Cuba - no que tange à autonomia dos meios de comunicação e à veracidade dos conteúdos que divulgam, assim como ao acesso da população à informação e às possibilidades de livre-expressão –, ou se tais acusações são inconsistentes e correspondem a estratégias políticas da grande imprensa internacional.

Bibliografia básica

BAQUERO, M. **Condicionantes da consolidação democrática: ética, mídia e cultura política**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

BENITEZ, J. **Jornalismo em Cuba**. São Paulo: Com-Arte, 1990.

BORGES, A. EUA financiam “blogueiros” contra Cuba. **Agência Brasil de Fato**, mai. 2010. Disponível em: < <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/internacional/eua-financiam-201cblogueiros201d-contra-cuba>>. Acesso em: 04 jul. 2010.

BRANDÃO, I. L. **Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida**. 6. ed. São Paulo: Cultura, 1979.

CALVO OSPINA, H.; DECLERG, K. **Dissidentes ou mercenários? Objetivo: liquidar a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

FERNANDES, F. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GARESCHI, P.A. **Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HARNECKER, M. **Cuba: Democracia ou Ditadura?**. São Paulo: Global, [19-?]

HURTADO, C. S. Meios de Comunicação em Cuba: problemas e soluções em tempos de crise. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano 5, n.50, jul.2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/050/50churtado.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2009.

MILLS, C. H. **A verdade sobre Cuba**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MIRANDA, C. Cuba sem Fidel. **Aventuras na História**. São Paulo: Abril, ed. 42, p.24-33, fev. 2007.

SIMIS, A. (Org.) **Cinema e televisão durante a ditadura militar. Depoimentos e Reflexões**. Araraquara: Editora Cultura Acadêmica, 2005.

TAVARES, E. O jornalismo e a comunicação em Cuba. **Instituto de Estudos Latino Americanos da UFSC**, Florianópolis, jun. 2009. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/?page=noticias_visualizacao&id=901>. Acesso em: 12 mar. 2010.

TEIXEIRA, D. Juventude Rebelde. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 43, ed. 2160, n. 14, p. 94-101, abril 2010.